

□ Tempo de leitura: 5 min.

No início do século XIX, o Piemonte ainda era uma área periférica em comparação com o resto da Itália. O idioma falado era o piemontês. O italiano era usado somente em casos especiais, como se usa uma roupa em ocasiões especiais. As classes mais altas preferiam usar o francês na escrita e recorriam ao dialeto na conversação.

Em 1822, o rei Carlos Félix aprovou um regulamento para escolas com disposições especiais para o ensino da língua italiana. No entanto, essas disposições não foram muito eficazes, especialmente devido ao método como foram aplicadas.

Portanto, não é de se surpreender que o uso correto da língua italiana também tenha custado não pouco esforço a Dom Bosco. Não é por acaso que no manuscrito de suas Memórias é fácil encontrar palavras piemontesas italianizadas ou palavras italianas usadas no sentido dialetal, como nos casos a seguir: “Notei que [...] estava aparecendo um *sfrosadore*” (ASC 132 / 58A7), onde *sfrosadore* (piemontês: *sfrosador*) significa *fraudador*; e da mesma forma: “Dom Bosco com seus filhos poderia a qualquer momento provocar uma revolução” (ASC 132 / 58E4), onde *figli* (piemontês: *fiuj*) significa *jovens*. E assim por diante.

Se Dom Bosco pôde então escrever com propriedade de linguagem, combinada com simplicidade e clareza, isso se deve, entre outras coisas, ao uso paciente do vocabulário que lhe foi aconselhado por Sílvio Pellico (MB III, 314-315 – MBp III, 249-250).

Uma correção

Um exemplo significativo pode ser encontrado na correção de uma frase do primeiro sonho que ele descreveu em suas *Memórias*: “*Torna-te sadio, forte e robusto*”.

Dom Bosco, ao revisar o manuscrito, traçou uma linha sobre a palavra “sadio” e escreveu em seu lugar: “humilde” (ASC 132 / 57A7).

O que Dom Bosco realmente ouviu em seu sonho e por que ele mudou essa palavra? Falou-se de uma mudança de significado feita para fins didáticos, como parece ter sido o costume de Dom Bosco, às vezes, ao narrar e escrever seus sonhos. Mas não poderia ser, em vez disso, um simples esclarecimento do significado original?

Aos 9 anos de idade, Joãozinho Bosco só falava e ouvia em piemontês. Ele tinha apenas começado a estudar “*os elementos de leitura e escrita*” na escola do P. Lacqua, em Capriglio. Em casa e no vilarejo, só se usava o dialeto. Na igreja,

Joãozinho ouvia o pároco ou capelão ler o Evangelho em latim e explicá-lo em piemontês.

Portanto, é mais do que razoável supor que, em um sonho, Joãozinho ouviu tanto o *“Homem venerável”* como a *“Mulher de aspecto majestoso”* se expressarem em dialeto. As palavras que ele ouviu no sonho devem, então, ser lembradas em dialeto. Não: *“umile, forte, robusto”*, mas sim: *“san, fòrt e robust”* no sotaque local característico.

Em tais circunstâncias, esses adjetivos não poderiam ter um significado puramente literal, mas figurado. Ora, *“san”*, em sentido figurado, quer dizer: *sem defeitos, de conduta moral correta*, isto é, *bom* (C. ZALLI, Dicionario Piemontese-Italiano. Carmagnola, Tip. di P. Barbié, 2. Ed. 1830, vol. II, p. 330, usado por Dom Bosco); *“fòrt e robust”* significa *vigoroso*, isto é, dotado de resistência no sentido físico e moral (C. ZALLI, o. c., vol. I, 360; vol. II, 309).

Dom Bosco nunca mais se esquecerá desses três adjetivos *“san, fòrt e robust”* e, quando escrever suas *Memórias*, embora à primeira vista os tenha traduzido literalmente, refletindo sobre isso mais tarde, considerará mais apropriado especificar melhor o significado da primeira palavra. Aquele *san* (= bom) para um menino de 9 anos significava *obediente, dócil, não inconstante, não arrogante*; numa palavra: *“humilde”*!

Seria, portanto, um esclarecimento, não uma mudança de significado.

Confirmações dessa interpretação

Dom Bosco, ao escrever suas *Memórias*, enfatizou com franqueza os pequenos defeitos de sua infância. Duas passagens extraídas das mesmas *Memórias* confirmam esse fato.

A primeira diz respeito ao ano da sua primeira Confissão e Comunhão, para as quais Mamãe Margarida havia preparado o seu filho. Dom Bosco escreveu: *“Considereei e procurei praticar os conselhos da minha piedosa mãe; e parece-me que daquele dia em diante houve alguma melhora na minha vida, especialmente na obediência e na submissão aos outros, às quais eu antes sentia grande repugnância, querendo sempre fazer as minhas considerações infantis a quem me ordenava ou me dava bons conselhos”* (ASC 132 / 60B5).

A outra pode ser encontrada um pouco mais adiante, onde Dom Bosco fala das dificuldades que encontrou com seu meio-irmão Antônio para entregar-se ao estudo. É um detalhe divertido para nós, mas que trai o temperamento de Antônio e o de Joãozinho. Dizem que Antonio disse-lhe um dia, vendo-o na cozinha, sentado à mesa, todo concentrado em seus livros: *“Quero acabar com essa gramática. Cresci grande e forte e nunca vi esses livros”*. E Dom Bosco acrescentou: *“Dominado*

naquele momento pela aflição e pela raiva, respondi o que não deveria dizer. “Você não está certo. Não sabe que o nosso burro é maior do que você e nunca foi à escola? Quer se parecer com ele?” Com essas palavras, ele ficou furioso, e foi somente com minhas pernas, que me serviam muito bem, que consegui escapar de uma chuva de golpes e pescoções” (ASC 132 / 57B5).

Esses detalhes dão uma melhor compreensão do aviso do sonho e, ao mesmo tempo, podem explicar o motivo do “esclarecimento” linguístico mencionado acima.

Portanto, ao interpretar os manuscritos de Dom Bosco, será útil não esquecer o problema da língua, porque Dom Bosco falava e escrevia corretamente em italiano, mas a sua língua materna era aquela em que pensava.

Em Roma, no dia 8 de maio de 1887, em uma recepção em sua homenagem, quando lhe perguntaram qual era a língua de que mais gostava, ele disse: *“A língua de que mais gosto é a que minha mãe me ensinou, porque me custou pouco esforço para aprendê-la e acho mais fácil expressar minhas ideias nela, e depois não a esqueço tão facilmente quanto as outras línguas!” (MB XVIII, 325).*